

Os discursos antivacina e pró-vacina dos presidentes: declarações de Bolsonaro e Lula sob a perspectiva semiolinguística

Presidents' anti-vaccine and pro-vaccine speeches:
statements by Bolsonaro and Lula from a semiolinguistic perspective

Ana Cláudia Mello da Silva¹
Mariana Ramalho Procópio²

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar discursos antivacina e pró-vacina do ex-presidente Bolsonaro e do presidente Lula, respectivamente, proferidos em declarações à imprensa nos anos de 2020 e 2023, enquanto eram chefes de estado. Buscamos averiguar como tais discursos, presentes nas duas declarações publicadas no YouTube, são construídos e quais são os seus possíveis impactos na adesão à vacinação. As análises seguiram a perspectiva analítica da Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau, sendo destacados o contrato de comunicação estabelecido, as estratégias discursivas presentes e os modos de organização do discurso, dando ênfase ao modo argumentativo. Os resultados das análises apontaram que os discursos proferidos por Bolsonaro e Lula apresentam argumentos em defesa de seus posicionamentos antivacina e pró-vacina, por meio do uso de diferentes estratégias argumentativas. Dentre elas, ressalta-se a desqualificação da vacina feita por Bolsonaro através de uma argumentação de caráter polêmico, enquanto Lula mobilizou argumentos respaldados na ideia da vacina como meio de preservação da vida, em um discurso pautado no apelo.

Palavras-chave: Teoria Semiolinguística. Argumentação. Discurso antivacina. Discurso pró-vacina.

Abstract: This article aims to analyze anti-vaccine and pro-vaccine speeches by former President Bolsonaro and President Lula, respectively, given in statements to the press in 2020 and 2023, while they were heads of states. We seek to investigate how such discourses, present in the two statements published on YouTube, are constructed and what their possible impacts on vaccination adherence are. The analyzes followed the analytical perspective of Patrick Charaudeau's Semiolinguistic Theory, highlighting the established communication contract, the discursive strategies present and the ways of organizing the discourse, emphasizing the argumentative mode. The results of the analyzes showed that the speeches given by Bolsonaro and Lula present arguments in defense of their anti-vaccine and pro-vaccine positions through the use of different argumentative strategies. Among them, the disqualification of the vaccine made by Bolsonaro through controversial arguments stands out, while Lula mobilized arguments based on the idea of the vaccine as a means of preserving life, in a speech based on the appeal.

Keywords: Semiolinguistic theory. Argumentation. Anti-vaccine speech. Pro-vaccine speech.

¹ Universidade Federal de Viçosa, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Departamento de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Viçosa, MG, Brasil. Endereço eletrônico: ana.c.mello@ufv.br.

² Universidade Federal de Viçosa, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Departamento de Comunicação / Departamento de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Viçosa, MG, Brasil. Endereço eletrônico: mariana.procopio@ufv.br.

Introdução

A pandemia da covid-19 alterou todo o cenário global, trazendo a necessidade da criação de vacinas que pudessem conter o vírus e fazer com que as pessoas voltassem às suas atividades cotidianas de forma segura. Diante dessa necessidade, imunizantes foram produzidos e disponibilizados por grandes laboratórios de todo o mundo, ficando a cargo de cada país realizar sua campanha de vacinação contra a covid-19. Este contexto pandêmico coincidiu com uma conturbada conjuntura política no Brasil, o que fez com que a aquisição dos imunizantes fosse adiada em alguns momentos. Depois de algumas polêmicas, o país adquiriu as doses e começou sua campanha de vacinação.

Com a campanha em andamento, muitas foram as discussões em torno da necessidade de se vacinar e da eficiência das vacinas, o que corroborou para a construção de um forte discurso anticiência no meio sociopolítico, vinculado ao aumento do movimento antivacina. Um dos apoiadores de tais ideais foi o presidente vigente durante a parte mais crítica da pandemia, Jair Bolsonaro, que declaradamente se demonstrava contrário à vacinação. Ainda no contexto pandêmico, em uma fase menos crítica de disseminação do vírus, o país passou por um agitado período eleitoral, sendo eleito Luiz Inácio Lula da Silva. Já no início de seu governo, Lula demonstrou preocupação com a vacinação do povo brasileiro, sendo abertamente a favor da imunização ao ser vacinado com a quinta dose da vacina contra a covid-19, diante da imprensa, pelo vice-presidente Geraldo Alckmin.

Nesse panorama, vale destacar que, em ambos os governos, os presidentes vigentes proferiram declarações à imprensa durante eventos oficiais, nas quais abordaram questões envolvendo a vacina contra a covid-19. Dentre essas declarações, destacam-se duas que se tornaram muito comentadas no meio midiático. A primeira delas foi proferida pelo ex-presidente Jair Bolsonaro em 17 de dezembro de 2020, quando foi até Porto Seguro, Bahia, participar de um ato solene e pronunciou a polêmica fala de que “virar jacaré” seria um efeito da vacina contra a covid-19. Já a segunda declaração aqui considerada foi a proferida pelo presidente Lula em 27 de fevereiro de 2023, durante um evento de lançamento da Campanha Nacional de Vacinação na cidade de Guará, Distrito Federal, no qual o governante foi publicamente vacinado com a quinta dose do imunizante contra a covid-19.

Para abordar os impactos dos discursos proferidos pelos presidentes, representados nas declarações feitas à imprensa, este trabalho se ampara na noção referente ao caráter social da linguagem postulada por Bakhtin. Segundo o estudioso russo, a fala está interligada a questões sociais, sendo o enunciado constituído por ideologias. Desse modo, para Bakhtin (1999, p. 95), “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida”. Tal concepção nos leva a entender que as falas dos presidentes são carregadas de perspectivas ideológicas, cada

uma em uma vertente distinta, dado que ambos seguem posições políticas contrárias. Nessa conjuntura, cada um deles parte de um pressuposto diferente diante do mesmo assunto, o que marca a posição ideológica perante a situação.

Tendo isso em vista, este trabalho tem como objetivo analisar como os discursos presentes nesses pronunciamentos se constituem, buscando discutir os possíveis impactos que eles possuem sobre a sociedade, considerando que foram produzidos por líderes do governo. Para isso, será feita uma análise sob a perspectiva da Teoria Semiolingüística de Patrick Charaudeau, sendo destacados o contrato de comunicação estabelecido, as estratégias discursivas presentes nas declarações e os modos de organização do discurso, sobretudo, o argumentativo.

A Teoria Semiolingüística: algumas considerações

A Teoria Semiolingüística de Patrick Charaudeau está vinculada à corrente francesa da Análise do Discurso e possibilita uma análise que “examina as condições de produção e de existência dos enunciados, e dos efeitos extralingüísticos que, paradoxalmente, o uso da linguagem busca obter (Machado, 1992, p. 26). Desse modo, considera a relação entre linguagem e sociedade, dando destaque aos sujeitos do ato de comunicação e suas intencionalidades discursivas.

Sendo os sujeitos da linguagem parte importante da perspectiva semiolingüística, vale ressaltar sua identificação proposta por Charaudeau (2019). Para o linguista, eles se constituem dentro das instâncias de produção e de recepção discursiva. Na instância de produção, são destacados o sujeito comunicante e o sujeito enunciator. O sujeito comunicante é o ser psicossocial pertencente ao espaço externo da fala, atuando como seu articulador. Já o sujeito enunciator é aquele que se situa no espaço do dizer, representando o “ser da fala”. Na instância da recepção, apresentam-se o sujeito destinatário e o sujeito interpretante. O sujeito destinatário concerne ao espaço do dizer; diz respeito ao destinatário ideal para o ato de comunicação. Já o sujeito interpretante, externo à fala configurada, é aquele que procede às interpretações.

Tais sujeitos são constituintes do que Charaudeau chama de “contrato de comunicação”. Ao explicar o que seria tal contrato, o linguista expõe que ele “resulta das características próprias à situação de troca, os dados externos, e das características discursivas decorrentes, os dados internos” (Charaudeau, 2007, p. 68). Desse modo, o contrato possibilita reconhecer as condições em que se realiza a troca linguageira. Além disso, ele sinaliza alguns aspectos ligados ao ato comunicativo, sendo possível, por meio dele, identificar

[...] a *finalidade* do ato de linguagem, que consiste em responder à pergunta: ‘estamos aqui para dizer ou fazer o quê?’; a *identidade* dos parceiros da troca linguageira, em resposta à pergunta: ‘quem fala a quem?’; o *domínio de saber* veiculado pelo objeto da troca, respondendo à pergunta: ‘sobre o quê?’; enfim (mas não se trata de uma cronologia), o *dispositivo* constituído pelas circunstâncias materiais da troca, respondendo à pergunta ‘em que ambiente físico de espaço e tempo?’ (Charaudeau, 2005, p. 4, grifos do autor).

Quanto ao nível discursivo do ato de linguagem, é importante salientar que ele “constitui o lugar de intervenção do sujeito falante, enquanto sujeito enunciador, devendo atender às condições de legitimidade (princípio de alteridade), de credibilidade (princípio de pertinência) e de captação (princípio de influência e de regulação)” (Charaudeau, 2005, p. 4). A legitimidade se relaciona à posição do sujeito, de modo a considerá-lo legítimo para falar de acordo com seu estatuto social. Já a credibilidade é uma estratégia que se refere à tentativa de parecer ser crível, ou seja, o sujeito utiliza métodos que façam seu discurso parecer verdadeiro. Por fim, a estratégia de captação visa à captação do interlocutor, sendo utilizados diversos meios para tanto, concernentes ao campo das emoções capazes de prender a atenção.

Charaudeau também realça os modos de organização do discurso. Para o linguista, “os procedimentos que consistem em utilizar determinadas categorias da língua em função das finalidades discursivas do ato de comunicação podem ser agrupadas em quatro *Modos de organização: o Enunciativo, o Descritivo, o Narrativo e o Argumentativo*” (Charaudeau, 2014, p. 74, grifos do autor). De modo resumido, o modo enunciativo indica a posição do sujeito na encenação do ato de comunicação, de acordo com as modalidades elocutiva, alocutiva e delocutiva. Já o modo descritivo se volta para a identificação e qualificação objetiva ou subjetiva dos seres, considerando, em sua organização, os componentes: nomear, localizar e a qualificar. O modo narrativo, por sua vez, remete à construção de sucessões de ações de uma história determinada temporalmente, constituindo-se de um relato. Por fim, o modo argumentativo é voltado para a produção de argumentos, tendo como finalidade a persuasão.

É este último, o argumentativo, que receberá destaque neste trabalho, pois os discursos a serem analisados apresentam um caráter de defesa de um dado ponto de vista sobre a vacinação. Assim, serão considerados os princípios de organização do modo argumentativo, destacando-se os componentes e procedimentos da encenação argumentativa. Os componentes dessa encenação correspondem ao dispositivo argumentativo, aos tipos de configuração e às posições do sujeito. O dispositivo argumentativo é composto pela proposta, pela proposição e pela persuasão, quadros que compõem e podem se sobrepor na argumentação. A proposta se relaciona a uma tese, uma proposta que se faz sobre um fenômeno do mundo. A proposição parte de um quadro de

questionamentos, no qual o sujeito, de acordo ou em desacordo com a proposta, busca desenvolver sua argumentação sobre ela, justificando ou refutando, respectivamente. Há ainda a possibilidade da não tomada de posição, na qual o sujeito põe a proposta em questão sem se mostrar, de início, a favor ou contra ela, ponderando sobre sua veracidade. Por fim, a persuasão tange a um quadro de raciocínio persuasivo que busca desenvolver as opções ligadas ao quadro de questionamento: refutar, justificar ou ponderar (Charaudeau, 2014).

Os tipos de configuração se referem às situações de troca e ao contrato de comunicação. As situações de troca concernem à determinação do discurso enquanto monologal, quando o próprio sujeito constrói a proposta, a proposição e a persuasão argumentativa, ou dialogal, quando estas são desenvolvidas em uma troca linguageira. Já o contrato de comunicação é o fornecedor dos meios de interpretação de um texto, este podendo estar explícito ou implícito quanto à argumentação. Tocante às posições do sujeito, destaca-se que na argumentação ele pode tomar uma posição em relação à proposta (a favor/contra) ou não tomar posição, em relação ao emissor da proposta (rejeição/aceitação do estatuto ou autojustificativa) e com relação à sua própria argumentação (engajamento e argumentação polêmica/não engajamento e argumentação racional) (Charaudeau, 2014).

Já os procedimentos da encenação argumentativa se dividem em semânticos (domínios de avaliação e valores), discursivos (definição, comparação, descrição narrativa, citação, acumulação e questionamento) e composicionais (composição linear e composição classificatória) (Charaudeau, 2014). Os procedimentos semânticos, segundo Charaudeau (2014, p. 232) “consistem em utilizar um argumento que se fundamenta num consenso social pelo fato de que os membros de um grupo sociocultural compartilham determinados valores, em determinados domínios de avaliação”. Assim, são verificados domínios de avaliação, podendo ser da verdade, do ético, do estético, do hedônico e do pragmático, e valores, que se referem às normas de representação social desenvolvidas nos domínios de avaliação, sendo concernentes a cada um deles. Os procedimentos discursivos se associam ao uso ocasional ou sistemático de categorias linguísticas ou procedimentos dos outros modos de organização do discurso para criar efeitos de persuasão, destacando-se a definição, a comparação, a citação, a descrição narrativa, a reiteração e o questionamento. Já os procedimentos composicionais buscam “repartir, distribuir, hierarquizar os elementos do processo argumentativo ao longo do texto, de modo a facilitar a localização das diferentes articulações do raciocínio (composição linear), ou a compreensão das conclusões da argumentação (composição classificatória)” (Charaudeau, 2014, p. 244).

Logo, a partir de tais componentes e procedimentos ligados à argumentação, assim como suas especificações, pretende-se identificar as categorias utilizadas na constituição dos discursos dos presidentes em relação à defesa de uma proposta sobre a vacinação.

Análises

Este trabalho se constitui como um estudo de caso, tomando por base duas declarações de presidentes reproduzidas em canais do YouTube dos jornais UOL e CNN Brasil. Em vista disso, foi feita a escolha de duas declarações à imprensa que demonstrassem a diferença entre as mobilizações dos governantes em relação à vacinação contra a covid-19, posto que ambos constantemente apresentavam posturas bem diferentes diante do assunto da imunização. Logo, foram selecionadas: uma declaração do ex-presidente Jair Bolsonaro, realizada em 17 de dezembro de 2020 na cidade de Porto Seguro, Bahia, na ocasião da participação de um ato solene de assinatura de medidas provisórias³. Tal declaração ficou conhecida em razão da polêmica fala do até então presidente de que “virar jacaré” seria um efeito colateral da vacina contra a covid-19. A segunda declaração foi feita pelo atual presidente, Luiz Inácio Lula da Silva, no dia 27 de fevereiro de 2023, em um evento de lançamento da Campanha Nacional de Vacinação em Guará, Distrito Federal⁴. Nessa declaração, ele defende a vacinação, colocando-se como exemplo ao ser publicamente imunizado.

Para as análises, a princípio, foi feito o reconhecimento dos contratos de comunicação estabelecidos nos atos de linguagem em questão. Logo após, realizou-se a identificação das estratégias discursivas presentes. Seguidamente, foi identificada e analisada a presença dos modos de organização do discurso, sobretudo, do argumentativo. Finalizando as análises, foi realizada uma discussão comparativa entre os discursos dos presidentes nas declarações, sendo destacadas questões do caráter social da linguagem e dos possíveis impactos do discurso anticiência e do discurso pró-vacina na recepção da população e, conseqüentemente, na adesão ao imunizante.

O discurso antivacina de Bolsonaro

A declaração de Jair Bolsonaro foi feita em um ato solene de assinatura de medidas provisórias para renegociações de dívidas, realizado na cidade Porto Seguro, na Bahia, no dia 17 de dezembro de 2020, enquanto ainda era presidente do Brasil (esse fora um dos períodos mais críticos da pandemia da covid-19). Nesse momento, o governo iniciava as ações da campanha de vacinação, sendo realizadas negociações para a aquisição de imunizantes e testes pela Anvisa para que fossem liberados para a população. Também durante o evento, Bolsonaro cita questionamentos que surgiram sobre um ministro ligado a ele que, supostamente, estaria propondo votação pela obrigatoriedade da vacinação.

³ Disponível para acesso em: <https://www.youtube.com/watch?v=IBCXkVOEH-8>. Acesso em: 05 jun. 2023.

⁴ Disponível para acesso em: <https://www.youtube.com/watch?v=uaN7ODktEjI>. Acesso em: 05 jun. 2023.

O recorte da declaração aqui analisada corresponde ao presente no vídeo publicado pela UOL no YouTube no mesmo dia (17/12/2020). Tal vídeo possui 2 minutos e 6 segundos. Segue a transcrição verbal da declaração de Bolsonaro:

A vacina uma vez certificada pela Anvisa vai ser extensiva a todos que queiram tomá-la. Eu não vou tomar. Alguns falam que eu tô dando um péssimo exemplo. Ôh, imbecil! O idiota que tá dizendo que eu dou um péssimo exemplo, eu já tive o vírus. Eu já tenho anticorpos. Pra que tomar vacina de novo? E outra coisa que tem que ficar bem claro aqui, Dra. Raissa. Lá, na Pfizer, tá bem claro lá no contrato: nós não nos responsabilizamos por qualquer efeito colateral. Se você virar um jacaré, é problema de você, pô! Não vou falar outro bicho, porque vou começar aqui a falar besteira aqui, né? Se você virar Super-Homem, se nascer barba em alguma mulher aí, ou, ou, algum homem começar a falar fino, eles não têm nada a ver com isso. O que é pior: mexer no sistema imunológico das pessoas! Como você pode obrigar alguém a tomar uma vacina que não se completou a terceira fase? Ainda tá na experimental. E depois... Agora, parlamentar, é pra vocês. Tem um projeto, uma medida provisória que chegou alterada pra mim, o artigo que dizia que a Anvisa tinha 72 horas para certificar. Se não certificasse, certificado estava. Eu vetei. O Congresso derrubou o veto. Estamos mexendo com vidas! Cadê a nossa liberdade? Que a gente fala tanto em liberdade. E outra coisa: quem não quiser tomar a vacina, se porventura ele contrair o vírus na frente, a vacina for comprovadamente eficaz lá na frente, que a gente não sabe ainda, a responsabilidade é deles. (Bolsonaro, 2020)⁵

A princípio, é importante delinear o contrato de comunicação estabelecido nesse discurso. Em relação a sua finalidade, ela se volta, em um primeiro momento, para a defesa do ponto de vista de que as vacinas não deveriam ser obrigatórias. Bolsonaro usou o momento para expor sua opinião sobre o imunizante, procedendo a uma argumentação de caráter antivacina. Assim, como propósito, são expostas informações que desqualificam a vacina, apontando seus possíveis efeitos e a suspeição em torno do assunto. Quanto às circunstâncias dessa troca, identifica-se a contextualização espaço-temporal supracitada, um evento realizado na Bahia em 2020. Além disso, ressalta-se que, sendo o vídeo veiculado pelo canal do YouTube do UOL, este se estabelece como seu dispositivo de divulgação.

No que tange aos sujeitos envolvidos nesse discurso, o ex-presidente constitui, dentro de uma instância compósita que abarca um grupo político com vários atores sociais, o sujeito comunicante, dado que ele articula a fala. Ademais, ele é sujeito enunciador, pois dá voz a tal ato comunicativo. Como sujeitos destinatários, destacam-se, inicialmente, a imprensa ali presente no evento, marcada na figura dos jornalistas, e, também, a população brasileira que teria contato com tal discurso através da mídia. Pode-se considerar ainda como TUd aqueles que pensam de forma oposta à do ex-presidente, posto que o discurso serviu para tocar em aspectos que o criticavam, o que evidencia-se no trecho: “Alguns falam que eu tô dando um péssimo exemplo. Ôh, imbecil! O idiota que tá dizendo que eu dou um péssimo exemplo, eu

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IBCXkVOEH-8>. Acesso em: 13 jun. 2023 [transcrição livre].

já tive o vírus”. Além disso, a declaração tem uma destinatária direta, a Dra. Raissa, uma vez que Bolsonaro se direciona a ela durante sua fala (E outra coisa que tem que ficar bem claro aqui, Dra. Raissa). A mulher em questão é Raissa Soares, uma médica de direita que compunha o público do ato solene. Há, ainda, um momento da declaração em que Bolsonaro se direciona aos parlamentares (Agora, parlamentar, é pra vocês) para falar sobre a medida provisória que ele vetou, veto esse derrubado pelo congresso; assim, seu discurso passa a ter os parlamentares como sujeitos destinatários. Quanto ao sujeito interpretante, ele se estabelece por aqueles que entram em contato com tal discurso e faz interpretações sobre ele.

Considerando que Bolsonaro era presidente da república, seu cargo lhe dava legitimidade (Charaudeau, 2005) para a produção desse ato comunicativo. Vale ressaltar que na construção do discurso de caráter antivacina, abordando o aspecto duvidoso sobre a eficácia e segurança do imunizante, Bolsonaro busca construir a credibilidade discursiva (Charaudeau, 2005) ao apontar que as vacinas só seriam distribuídas após certificação da Anvisa e que chegou a vetar uma medida provisória referente a isso, além de citar o contrato referente à aquisição de vacinas: “A vacina uma vez certificada pela Anvisa vai ser extensiva a todos, que queiram tomá-la”, “tá bem claro lá no contrato: nós não nos responsabilizamos por qualquer efeito colateral”, “Tem um projeto, uma medida provisória que chegou alterada pra mim [...]. Eu vetei.”. Assim, entende-se que ele estava agindo para que não fosse facilitada a distribuição de vacinas que ele não considerava seguras.

Ademais, as falas polêmicas sobre os possíveis efeitos da vacina, como virar jacaré e crescer pelos (“Se você virar um jacaré, é problema de você, pô! [...] Se você virar Super-Homem, se nascer barba em alguma mulher aí, ou, ou, algum homem começar a falar fino, eles não têm nada a ver com isso”), também servem para captar a atenção do público, de modo a despertar disposições afetivas positivas ou negativas, dependendo da posição que ele tenha em relação à postura de Bolsonaro. Isso porque, por serem polêmicos, esses dizeres geram engajamento tanto dos aliados quanto dos opositores políticos, sendo cada vez mais difundidos. Nessas mesmas falas, em que demonstra ser contrário à vacinação, Bolsonaro busca conferir credibilidade a sua posição antivacina, pois elas chamam atenção para o que seriam consequências negativas do imunizante.

Outro aspecto importante a ser considerado é a forma de organização desse discurso, conforme proposto por Charaudeau (2019). Quanto ao modo enunciativo, evidencia-se na declaração as modalidades alocutiva, elocutiva e delocutiva. A alocutiva está presente na interpelação de interlocutores, sendo eles a Dra. Raissa, os parlamentares e um “você”, correspondendo a quem ouve a fala. Já a modalidade elocutiva está presente na apresentação do ponto de vista do presidente sobre o assunto. Assim, há a manifestação de categorias modais como constatação (“eu já tive o vírus”, “eu já tenho anticorpos”, “eu vetei”)

e recusa (“eu não vou tomar”, “não vou falar outro bicho”). A delocutiva, por outro lado, se dá nas falas em terceira pessoa, como em “A vacina uma vez certificada pela Anvisa vai ser extensiva a todos, que queiram tomá-la”. Ao citar um terceiro, o efeito de sentido é de objetividade (como se não abarcasse o ponto de vista do enunciador, constituindo-se uma “verdade”).

O modo descritivo pode ser observado em trechos como “Ôh, imbecil. O idiota que tá dizendo que eu dou um péssimo exemplo”, quando Bolsonaro qualifica negativamente aqueles que o criticam, com termos que pertencem a um mesmo eixo semântico (“imbecil” e “idiota”), voltado para a descrição pejorativa do outro (seu adversário). Também é possível observar a presença da descrição nas analogias que o ex-presidente faz para desqualificar a vacina, quando cita os possíveis efeitos colaterais que ela poderia ter, como fazer uma pessoa “virar jacaré”. Assim, tal modalidade contribui para a construção de seu discurso diante dos que o criticavam e concorre para a defesa de sua posição antivacina. Quanto ao modo narrativo, não foi possível identificar sua presença na declaração.

Contudo, o que nos chama atenção no texto é a mobilização da argumentação. Para Charaudeau (2019, p. 205) “a argumentação define-se [...] numa relação triangular entre um sujeito argumentante, uma proposta sobre o mundo e um sujeito-alvo”, três componentes presentes na declaração de Bolsonaro da seguinte forma: ele se configura como um sujeito argumentante, demonstrando uma visão antivacina e direcionando sua fala a um dado público. Em vista disso, é possível identificar alguns aspectos da encenação argumentativa nesse discurso.

No que concerne aos componentes dessa enunciação, salienta-se que, no dispositivo argumentativo, a proposta está na tese de que não havia garantias para a efetividade da vacina e deveria ser garantida a liberdade de escolha quanto à imunização. Assim, Bolsonaro, em sua proposição, coloca-se em consonância com tal proposta e, no campo da persuasão, desenvolve uma justificativa por meio do seu discurso. Isso se comprova na medida em que, ao iniciar a declaração, o ex-presidente destaca “A vacina uma vez certificada pela Anvisa vai ser extensiva a todos, que queiram tomá-la”. Logo após, ele justifica o porquê dessa posição, abordando aspectos que demonstram motivos para a vacinação não ser obrigatória, ressaltando não concordar com uma aprovação rápida do imunizante e os seus possíveis “perigos”.

Quanto aos tipos de configuração dessa enunciação, inicialmente convém apontar que a situação de troca é monologal, dado que o presidente apresenta a proposição e desenvolve a persuasão do discurso, não ocorrendo a troca de turnos de fala com seu TUi. Voltando ao contrato de comunicação, este se estabelece de forma, predominantemente, implícita, pois é possível identificar claramente a proposta, mas a proposição e a persuasão não são tão claras, sendo necessário interpretar as asserções para identificá-las. Referente à posição do

sujeito com relação à proposta de que a vacina não seria obrigatória, Bolsonaro assume uma posição favorável a essa proposta. Com relação ao enunciador da proposta, nota-se que há uma autojustificativa, tendo em vista que ele mesmo a apresenta.

Em relação a sua argumentação, há um engajamento e uma argumentação polêmica, dado que Bolsonaro implica-se no questionamento ao apontar que não iria tomar vacina, além de utilizar posicionamentos de acusação e irônicos em seu discurso. A acusação ocorre contra aqueles que o criticam, ao indicar que eles seriam “idiotas” e “imbecis”, já a ironia está presente na fala jocosa sobre os possíveis efeitos colaterais da vacina. Tal constatação nos permite evidenciar o que Amossy (2017) propõe como polêmica de interesse público, isto é, uma modalidade argumentativa que se fundamenta pela dicotomização (choque de opiniões antagônicas, uma excluindo a outra), polarização (dois antagonistas diametralmente opostos polemizam diante dos espectadores da polêmica, que também devem se posicionar) e desqualificação do adversário (depreciação do ethos dos sujeitos, grupos, ideologias e instituições concorrentes).

Partindo para uma análise sobre os procedimentos da enunciação, no campo semântico, o discurso de Bolsonaro se enquadraria, sobretudo, no domínio da ética, sendo mobilizados valores como o de responsabilidade. Isso se evidencia em falas como “Estamos mexendo com vidas! Cadê a nossa liberdade? Que a gente fala tanto em liberdade” e “Lá, na Pfizer, tá bem claro lá no contrato: nós não nos responsabilizamos por qualquer efeito colateral”. Tais falas apontam para uma questão ética voltada para um possível mal que seria feito à vida das pessoas, logo, Bolsonaro argumenta sobre a responsabilidade que não é assegurada perante tais vidas, caso tomem a vacina, além de destacar questões ligadas à liberdade de escolha.

No que toca aos procedimentos discursivos, é utilizado o procedimento de descrição narrativa, voltada para a retratação descritiva de um fato ou história a fim de produzir ou reforçar uma prova (Charaudeau, 2019). No trecho “Tem um projeto, uma medida provisória que chegou alterada pra mim, o artigo que dizia que a Anvisa tinha 72 horas para certificar. Se não certificasse, certificado estava. Eu vetei. O Congresso derrubou o veto, o ex-presidente, para dar credibilidade ao que estava dizendo, descreve um acontecimento, apresentando seus aspectos. Assim, tal ato produz um efeito de exemplificação de suas ações, o que contribui para a ideia de que ele estava agindo para que a vacina não fosse aprovada sem uma certificação mais rígida.

Há, também, a presença do procedimento de citação de dizeres. O primeiro deles aparece na fala “O idiota que tá dizendo que eu dou um péssimo exemplo”, na qual ele cita o que declaram sobre ele: o fato de ser um mal exemplo ao não incentivar a vacinação. A partir de tal citação, Bolsonaro constrói uma refutação a essas declarações, apontando que, como já havia contraído o vírus, ele estaria imune, o que supostamente o isentaria de tomar a

vacina. Isso reforça seu posicionamento antivacina, como se ele não precisasse dela, todavia, há que se ressaltar que já foi comprovada cientificamente a necessidade de tomar vacina também nesses casos, como mostram informações do Conselho Federal de Enfermagem⁶. Já na fala “tá bem claro lá no contrato: nós não nos responsabilizamos por qualquer efeito colateral”, é feita a citação do que dizia o contrato da Pfizer, de modo a mostrar que o próprio laboratório que produz a vacina não garante que não ocorra efeitos colaterais. Desse modo, isso contribui para um discurso contrário à aprovação dessas vacinas, reforçando as chances de elas terem efeitos colaterais.

Além disso, na declaração, há o procedimento de questionamento. Em “Pra que tomar vacina de novo?”, tal indagação atua como denegação, posto que essa pergunta traz a ideia de rejeição à vacina por supostamente já se estar imune ao vírus. Já nas interrogações “Como você pode obrigar alguém a tomar uma vacina que não se completou a terceira fase?” e “Cadê a nossa liberdade?”, Bolsonaro apela para a questão ética, indagando sobre a obrigatoriedade de uma vacina que ele não considerava segura e sobre a liberdade das pessoas na escolha de se vacinarem ou não. Assim, ele interpela o interlocutor sobre tais questões, de modo a fazer com que este reflita sobre o direito de escolha das pessoas.

Por fim, quanto aos procedimentos de composição, observa-se uma formação mais próxima da linearidade, uma vez que o uso de expressões como “E outra coisa”, “o que é pior”, “E depois”, “Agora, parlamentar é pra vocês”, indicam a construção da argumentação dentro de uma lógica em que os argumentos vão se sucedendo. Nessa perspectiva, a argumentação foi feita em etapas, mesmo que introdução, desenvolvimento e conclusão não estejam explícitos.

Tendo em vista as análises supracitadas, nota-se que essa declaração carrega um discurso argumentativo que apresenta aspectos que demarcam uma visão antivacina, na medida em que o ex-presidente utiliza-se da polêmica enquanto modalidade argumentativa e emprega procedimentos para demonstrar que o imunizante não era seguro e que uma obrigatoriedade da vacinação iria contra a liberdade de escolha.

O discurso pró-vacina de Lula

A declaração de Lula foi feita dia 27 de fevereiro de 2023, pouco tempo após voltar ao cargo de presidente da república, em um evento de lançamento da Campanha Nacional de Vacinação na cidade de Guará, Distrito Federal. Nesse evento, o presidente foi publicamente vacinado com a quinta dose do imunizante contra a covid-19 pelo vice-presidente Geraldo Alckmin. Nesse contexto, a pandemia já não estava em um momento tão crítico; inclusive, em

⁶ COFEN. **Entenda porque mesmo quem teve covid deve tomar a vacina.** Disponível em: http://www.cofen.gov.br/entenda-porque-mesmo-quem-teve-covid-deve-tomar-a-vacina_92287.html. Acesso em: 19 jun. 2023.

maio do mesmo ano, a OMS (Organização Mundial da Saúde) declarou o fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente à covid-19. Quanto à vacinação, sua campanha estava na fase de aplicação da dose bivalente, um reforço contra a covid-19 e suas variantes, estando pouco mais de 80% da população vacinada com a segunda dose do imunizante ou com a dose única, e cerca de 50% vacinada com a dose de reforço, de acordo com dados do G1⁷. A declaração foi feita em meio a um pronunciamento de Lula no evento, no qual ele apela para que as pessoas se vacinem.

O recorte da declaração aqui analisada corresponde ao presente no vídeo publicado pelo canal da CNN Brasil no YouTube, também no dia 27 de fevereiro de 2023. O vídeo possui 5 minutos e 49 segundos; e a declaração a ser analisada se inicia no minuto 4:13. Segue a transcrição verbal da declaração de Lula:

Então eu queria fazer um apelo a vocês: daqui para frente, na hora que vocês lerem um aviso, verem na televisão um aviso, uma propaganda no rádio, na internet, que está dando vacina no bairro de vocês, na vila de vocês, na cidade de vocês, pelo amor de Deus, não sejam irresponsáveis. Se tiver vacina, vá lá tomar a vacina; porque a vacina é a única garantia que você tem de não morrer por falta de responsabilidade. A vacina é uma garantia de vida. Por isso, eu hoje tomei a minha quinta vacina. E se tiver a sexta, eu vou tomar a sexta, se tiver a sétima, eu vou tomar a sétima, sabem por que eu vou tomar a vacina? Eu tenho 77 anos, e tomo vacina porque eu gosto da vida. Eu tomo vacina porque a vida é o dom maior que Deus nos deu. E se Deus nos deu esse dom maravilhoso da vida, a vida que faz a gente amar; a vida que faz a gente gostar; a vida que faz a gente ser fraterno; faz a gente ser solidário, essa vida tem que ser preservada. Por isso, tomem a vacina! Não tenham medo do Zé Gotinha! O Zé Gotinha significa só amor e nada mais do que isso, um beijo no coração. Gente, todo mundo tomando vacina para que o Brasil fique curado da pandemia! (Lula, 2023)⁸

No que concerne ao contrato de comunicação estabelecido nesse ato comunicativo, o discurso tem por finalidade incentivar as pessoas a se vacinarem. Como propósito, apresenta-se o destaque sobre a necessidade de se vacinar como um ato de garantia da vida. Já as circunstâncias desse ato correspondem às características espaço-temporais anteriormente citadas: um evento realizado no Distrito Federal em fevereiro de 2023, sendo o canal do CNN Brasil no YouTube o dispositivo de divulgação desse recorte da declaração. Quanto à identidade dos sujeitos, Lula se estabelece enquanto ser comunicante, estando dentro de uma instância compósita constituída por um grupo político de vários atores, atuando como articulador da fala. Além disso, ele é o sujeito enunciador, dando voz ao discurso. Como sujeitos destinatários, destacam-se os jornalistas presentes no evento, constituintes da imprensa, e o povo brasileiro, sobretudo, os que ainda não haviam se vacinado. Os

⁷ G1. **Mapa da vacinação contra covid-19 no Brasil (27/01/2023)**. Disponível em: <https://especiais.g1.globo.com/bemestar/vacina/2021/mapa-brasil-vacina-covid/>. Acesso em: 18 jun. 2023.

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uaN7ODktEjI>. Acesso em: 13 jun. 2023 [transcrição livre].

interpretantes são os que tiveram, em algum momento, contato com o discurso, fazendo interpretações sobre ele.

Lula, como presidente da república, é um ser legítimo em sua fala, posto que seu cargo lhe confere tal legitimidade. Por outro lado, sua credibilidade é construída no seu discurso ao expor que tomou a quinta dose da vacina contra a covid, destacando que tomará outras doses necessárias, o que reforça sua ideia de que elas devem ser tomadas para a segurança de todos e que, como defensor dessa ideia, ele fez sua parte. Para captar o público, o presidente faz o discurso em forma de apelo, como ele mesmo define (Então eu queria fazer um apelo a vocês). Ademais, ele utiliza a ideia da vacinação como garantia da vida e como forma de demonstrar que gosta dela, o que também carrega um efeito de captação. A citação do personagem Zé Gotinha também pode captar o público posto que ele é um personagem conhecido há anos como símbolo de campanhas de vacinação no país. Vale destacar, também, que a menção de Deus em três momentos do discurso (“pelo amor de Deus”, “Eu tomo vacina porque a vida é o dom maior que Deus nos deu” e “E se Deus nos deu esse dom maravilhoso da vida [...]”) pode captar a atenção do público alvo, haja vista que o destinatário se configura como uma população composta por uma maioria cristã, sobretudo, católica.

No que tange à organização desse discurso, o modo enunciativo se dá na modalidade alocutiva, dado que há a interpelação do interlocutor demarcado pelos termos “vocês” e “gente”, e elocutiva, já que o discurso apresenta o apelo e ponto de vista do presidente a respeito de um assunto, a vacinação. Dessa forma, nota-se a presença de categorias modais como querer (“Então eu queria fazer um apelo a vocês”) e apreciação (“tomo vacina porque eu gosto da vida”). Também há a presença da modalidade delocutiva em falas como “A vacina é uma garantia de vida”, na qual há um efeito de objetividade pelo uso da terceira pessoa.

O modo descritivo está presente nas qualificações dadas à vacina como garantia de vida e ao ato de vacinar como uma prova de que se gosta dela. A descrição também é destacada nas qualificações dadas à vida, quando Lula diz “E se Deus nos deu esse dom maravilhoso da vida, a vida que faz a gente amar; a vida que faz a gente gostar; a vida que faz a gente ser fraterno; faz a gente ser solidário, essa vida tem que ser preservada”. Trata-se dessas de qualificações positivas para o ato de viver, descrevendo suas qualidades e benefícios. Além disso, há descrição também quando o presidente apresenta sua idade “eu tenho 77 anos”, logo, ele se qualifica como alguém experiente. Tal qualificação busca demonstrar que, tendo a idade avançada, ele segue as recomendações de se vacinar para manter-se saudável. No que se refere ao modo narrativo, não foi possível identificá-lo na declaração.

Assim como no discurso de Bolsonaro, o modo argumentativo prevalece na declaração de Lula. Tal discurso se insere na argumentação porque também apresenta um sujeito argumentante que defende um ponto de vista sobre um assunto e se direciona a um público.

Nesse caso, na qualidade de sujeito argumentante, Lula demonstra uma perspectiva pró-vacina, sendo direcionada ao povo brasileiro por meio de um apelo para que todos se vacinem, principalmente, os que não se vacinaram ou não completaram todas as fases da vacinação.

No tocante aos componentes dessa encenação argumentativa, o dispositivo argumentativo se caracteriza tendo como tese a defesa da eficácia da vacina. Assim, a proposta do sujeito argumentante é de que as pessoas deveriam se vacinar quando souberem que está ocorrendo vacinação em suas localidades. Desse modo, Lula toma uma posição que vai ao encontro de tal proposta, já que ele diz para as pessoas não serem “irresponsáveis” ao não se vacinarem. Assim, ele apresenta uma justificativa para que todos se vacinem, criando uma persuasão baseada na ideia da vacina como garantia de vida. Para corroborar essa justificativa, o próprio presidente se coloca como exemplo de alguém que tomou as doses e que continuará tomando.

Nas configurações dessa encenação, apontamos inicialmente uma situação de troca monologal, pois o próprio presidente apresenta a proposta, a proposição e constrói sua persuasão, não ocorrendo a troca de turnos de fala com seu TUi. Voltando ao contrato de comunicação estabelecido, ele é implícito, uma vez que é necessário interpretar as asserções da declaração para que se identifique seus componentes. Já no que concerne às posições do sujeito, observa-se que, referente à proposição de que todos deveriam se vacinar, Lula se mostra favoravelmente e, sendo o enunciador da proposta, ele apresenta uma autojustificativa ao defender seu ponto de vista. Na sua própria argumentação, o presidente assume um engajamento, visto que ele se implica pessoalmente nela, colocando-se como exemplo, e apresenta uma autoatribuição quando diz “eu queria fazer um apelo a vocês”, argumentando sobre o assunto. O sujeito ao qual ele se opõe não é determinado, mas é possível supor que sejam aqueles que apresentam perspectivas antivacina, ou seja, os “irresponsáveis” em relação à vacinação.

É importante salientar, também, os procedimentos dessa encenação. Quanto aos do campo semântico, no discurso prevalece o domínio de avaliação voltado para o hedônico: o prazer de viver. Isso é observado nas falas que indicam que a vida é um “dom maravilhoso” e que deve ser preservada, como no trecho “E se Deus nos deu esse dom maravilhoso da vida, a vida que faz a gente amar; a vida que faz a gente gostar; a vida que faz a gente ser fraterno; faz a gente ser solidário, essa vida tem que ser preservada”. Assim, é despertada a concepção de que as pessoas devem se vacinar para preservar esse dom que é a vida, a fim de aproveitá-la, sobressaindo valores ligados à ponderação de suas qualidades. Também há a presença do domínio do ético, pois é suscitada a ideia de responsabilidade diante da vacinação em trechos como “pelo amor de Deus, não sejam irresponsáveis. Se tiver vacina,

vá lá tomar a vacina”, logo, se vacinar seria uma questão ética, uma atitude considerada correta e responsável.

No que tange aos procedimentos discursivos, há a presença de definições, voltadas para o comportamento humano, nas falas “a vacina é a única garantia que você tem de não morrer por falta de responsabilidade. A vacina é uma garantia de vida” e “a vida é o dom maior que Deus nos deu”, nas quais o presidente utiliza a subjetividade para definir o valor que a vacina e a vida teriam, o que dá ênfase à necessidade de tomar uma para proteger a outra. Ademais, a definição subjetiva também se aplica na fala “O Zé Gotinha significa só amor e nada mais do que isso”, na qual Lula valoriza o personagem positivamente, reforçando o porquê de não precisar ter medo dele, o que pode aludir a um receio que havia em relação à vacina por parte da população. Há também comparação nessa mesma fala, posto que o governante aponta que Zé Gotinha não seria nada mais do que amor, logo, o compara com algo socialmente visto como bom.

O procedimento de descrição narrativa também é identificável na declaração, presente na fala “Por isso, eu hoje tomei a minha quinta vacina. E se tiver a sexta, eu vou tomar a sexta, se tiver a sétima, eu vou tomar a sétima”, na qual Lula descreve um fato ocorrido, de modo a criar um argumento a favor da vacinação. Além disso, há o procedimento de acumulação em “E se Deus nos deu esse dom maravilhoso da vida, a vida que faz a gente amar; a vida que faz a gente gostar; a vida que faz a gente ser fraterno; faz a gente ser solidário, essa vida tem que ser preservada. Por isso, tomem a vacina!”, dado que são utilizados vários argumentos para servir à ideia de que a vida faz as pessoas viverem e sentirem coisas boas, portanto, deveria ser preservada com a vacina. Já na pergunta “sabem por que eu vou tomar a vacina?”, nota-se o procedimento de questionamento, por meio do qual se evoca uma resposta que seria usada como argumento pró-vacina, já que ele responde a tal pergunta colocando-se como exemplo.

Referente à composição dessa encenação, observa-se a presença de linearidade, na medida em que o discurso se dá por etapas. Inicialmente, Lula aponta que quer fazer um apelo “Então eu queria fazer um apelo a vocês”. Em seguida, ele argumenta sobre o assunto, apresentando o porquê de as pessoas terem que se vacinar. Por fim, ele conclui suas ideias, usando o modo imperativo para aconselhar todos a tomarem a vacina (“Por isso, tomem a vacina”) e se despedindo com a fala “um beijo no coração” e uma frase de efeito: “Gente, todo mundo tomando vacina para que o Brasil fique curado da pandemia!”. O uso do termo “por isso” é um exemplo de demarcação da organização da sua fala.

Além disso, dizeres como “pelo amor de Deus, não sejam irresponsáveis” e “Gente, todo mundo tomando vacina para que o Brasil fique curado da pandemia” reforçam a carga de apelo do discurso, apresentando a imagem de um presidente preocupado com a vida da população e com o país. Essa imagem é positivada, também, na fala “um beijo no coração”,

carregando uma ideia de aproximação do presidente à população, dado que ele se coloca como um ser carinhoso ao se despedir, o que traz um efeito de intimidade e cuidado. Isso é reforçado na citação do personagem Zé Gotinha, este que, com o nome posto no diminutivo, carrega um imaginário ligado ao fato de o personagem ter como alvo o público infantil. Além disso, esse nome evoca concepções voltadas para as ideias de carinho, cuidado e intimidade que o tratamento no diminutivo suscita.

Dessa forma, em vista de tais aspectos, é possível observar que o presidente Lula se posiciona a favor da vacinação em seu apelo, evocando argumentos que se valem da noção da vacina enquanto meio de preservar a vida. Assim, a vida é qualificada, de modo a levar as pessoas a acreditarem que, diante das coisas boas presentes nela, seria importante tomar a vacina para mantê-la. Nessa perspectiva, há uma forte presença de um discurso pró-vacina, baseado em argumentos que carregam uma visão pró-vida.

Algumas palavras para concluir

Por meio de nossas análises, foi possível observar que o discurso de Bolsonaro apresenta um forte teor antivacina. Ao apontar que não tomaria o imunizante e apresentar falas contra ele, utilizando argumentos nos quais ironiza possíveis efeitos colaterais, o ex-presidente levou à população informações que podem ter sido vistas como verdadeiras por muitos que o consideravam uma figura de autoridade, influenciando-a a não tomar a vacina. Isso se justifica pelo fato de tais discursos carregarem uma perspectiva negativa em relação à vacinação, fazendo com que parte da população se sinta receosa quanto a sua segurança. Vale destacar que esse foi um discurso bastante divulgado nos meios midiáticos, como televisão e redes sociais, o que fez com que tivesse grande alcance.

Tal discurso foi proferido em um momento de fervor, no qual muitos esperavam a aprovação e o início efetivo da vacinação, tendo em vista que a pandemia se encontrava em um período crítico. Assim, tratava-se de uma fase de preparação para a campanha de vacinação, na qual o PNI (Plano Nacional de Imunização) deveria estar em desenvolvimento para ser posto em prática. Todavia, esse tipo de discurso atrapalha o funcionamento de tal plano, dado que, de acordo com Xavier e Pontes (2022, p. 54), o PNI e o discurso antivacina estavam em uma relação antagônica, na medida em que “enquanto o primeiro tinha como objetivo principal coordenar ações e trazer a saúde para a esfera do campo da universalidade, o discurso antivacina vem exatamente para dificultar não somente sua realização, como também a eficiência das políticas públicas em saúde”. Desse modo, o discurso governamental ia contra o que deveria ser pregado dentro do contexto pandêmico, estando em discordância com o que era proposto no PNI, este já tendo sido considerado de grande eficiência em campanhas anteriores.

Em contraposição ao discurso negacionista do governo Bolsonaro, Lula, já no início de seu mandato, colocou-se a favor da vacinação, atuando como exemplo de cidadão que havia sido vacinado e que continuaria se vacinando. A pandemia já se encontrava em um momento não crítico, sendo sua emergência declarada finalizada pouco tempo depois de tal declaração. Todavia, a campanha de vacinação continuava em andamento, dada a necessidade de a população tomar doses de reforço contra o vírus e suas variantes. Portanto, o discurso de Lula também possui impactos sociais.

Uma das características desse discurso é que Lula faz alusão aos discursos governamentais anteriores de forma implícita, pedindo para que a população não seja irresponsável e se vacine. Isso se relaciona à concepção de Bakhtin (1999, p. 316) que diz que

Os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem são auto-suficientes, conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. São precisamente esses reflexos recíprocos que lhes determinam o caráter. O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera.

Desse modo, o discurso pró-vacina do presidente carrega os ecos dos discursos antivacina que o precederam, de modo a renegá-los. Ao contrário dos imaginários⁹ contra a vacina acionados anteriormente, Lula incita imaginários positivos ao imunizante. Assim, sua declaração se constitui como uma forma de dar início a uma possível mudança de visão da população que ainda não havia sido vacinada por acreditar em discursos negacionistas, trazendo uma perspectiva favorável à vacinação. Todavia, ressalta-se que “tanto o PNI quanto o SUS levaram anos para se estruturarem e conseguirem reconhecimento internacional por suas políticas e, quando há esse desmantelamento, pensar em recuperação é pensar em obstáculos” (Xavier; Pontes, 2022, p. 54). Portanto, os caminhos para superar o negacionismo em relação à imunização são difíceis, sendo necessárias campanhas efetivas para que o Brasil continue figurando como um país com grande adesão à vacinação.

Tendo em vista que foram proferidos por presidentes da república durante seus mandatos, os discursos de Bolsonaro e Lula apresentam impactos sobre a sociedade, podendo influenciar positivamente ou negativamente a população. Isso porque, como aponta Bakhtin (1999, p. 95), “não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc.”. No caso dos discursos contrários à vacinação, eles podem gerar graves problemas à vida das

⁹ Segundo Charaudeau (2017), os imaginários são crenças compartilhadas que circulam dentro de um grupo social, frutos de processos de simbolização do mundo.

peessoas e à saúde pública do país. Como os discursos de ambos políticos divergem, sendo um antivacina e o outro pró-vacina, é importante observar como eles podem atuar na recepção do público, dado que carregam visões ideológicas distintas.

É importante ressaltar os momentos em que tais discursos foram proferidos, tendo em vista que o discurso antivacina de Bolsonaro apresenta um impacto negativo que pode ser considerado mais forte do que o discurso pró-vacina de Lula. Isso se justifica por ele ter sido divulgado em uma fase crítica da pandemia, o que pode ter levado pessoas a não se imunizarem, fazendo-as mais propícias a terem problemas decorrentes da covid-19. Já a fala de Lula foi feita em um momento mais ameno, no qual os riscos da contaminação haviam diminuído; logo, apesar dos impactos positivos voltados para o convencimento dos que ainda não haviam se vacinado ou completado as fases de vacinação, tal discurso não carrega um teor negativo capaz de afetar diretamente a vida das pessoas diante do vírus. Desse modo, a forma que as declarações afetam o âmbito social se dá com um peso diferente se consideradas questões humanitárias.

Referências

AMOSSY, R. **Apologia da polêmica**. São Paulo, SP: Contexto, 2017.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999.

CHARAUDEAU, P. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L.; GAVAZZI, S. (org.). **Da língua ao discurso**: reflexões para o ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Uma-analise-semiolinguistica-do>. Acesso em: 5 jun. 2023.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

CHARAUDEAU, P. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. Trad. André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 571-591, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/857/0>. Acesso em: 6 jun. 2023.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**: modos de organização. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

CNN Brasil. **Lula: Não sejam irresponsáveis, vão tomar vacina | CNN 360º**. Youtube, 27 de fevereiro de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uaN7ODktEjl>. Acesso em: 13 jun. 2023.

G1. **Mapa da vacinação contra covid-19 no Brasil (27/01/2023)**. Disponível em: <https://especiais.g1.globo.com/bemestar/vacina/2021/mapa-brasil-vacina-covid/>. Acesso em: 18 jun. 2023.

MACHADO, I. L. A semiolinguística de Patrick Charaudeau: uma interessante opção de análise discursiva. **Contexto**: Revista do Departamento de Línguas e Letras, Vitória, n. 1-2,

p. 26-31, 1992. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/7041>. Acesso em: 5 jun. 2023.

UOL. **Bolsonaro: "Se tomar vacina e virar jacaré não tenho nada a ver com isso"**.

Youtube, 17 de dezembro de 2020. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=IBCXkVOEH-8>. Acesso em: 13 jun. 2023.

XAVIER, L. R. S.; PONTES, B. C. O Programa Nacional de Imunizações vs. O discurso antivacina: as graves consequências para a sociedade brasileira. **Cadernos de Relações Internacionais**, [S.L.], v. 2022, n. 1, p. 40-61, 22 nov. 2022. Faculdades Católicas.

Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/61326/61326.PDF>. Acesso em: 5 jun. 2023.

Sobre as autoras

Ana Cláudia Mello da Silva

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8086-552X>

Mestranda em Estudos do Texto e do Discurso no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Graduada em Letras (Português e Literaturas de Língua Portuguesa) pela UFV.

Mariana Ramalho Procópio

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9661-5883>

Doutora e mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com estágio doutoral na Université Paris-Est Créteil, na França. Graduada em Comunicação Social Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Realizou Pós-Doutorado em Mídia e Estudos de Gênero na Lancaster University, na Inglaterra. Professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFV. Atua como docente colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Recebido em fevereiro de 2024.

Aprovado em junho de 2024.